

Breves notas sobre a eleição



Por **DIOGO FAGUNDES***

A eleição comprovou que 2022, de fato, havia sido uma exceção. Lula só ganhou por ser o Lula e por Jair Bolsonaro ter cometido muitas barbaridades em plena pandemia

A respeito do segundo turno das eleições municipais, cabe mencionar alguns pontos.

1.

A eleição comprovou que 2022, de fato, havia sido uma exceção. Lula só ganhou por ser o Lula e por Jair Bolsonaro ter cometido muitas barbaridades em plena pandemia. No entanto, ao apossar-se do governo, a esquerda não soube fazer muita coisa para melhorar a correlação de forças. Dois anos se passaram e o governo federal não parece ter virado um grande cabo eleitoral. Mesmo que partidos da base “aliada” (ênfase nas aspas), como o PSD kassabista, tenham se fortalecido, isto não teve nada a ver com a reivindicação do governo ou da figura de Lula, ao contrário do passado.

Aquele Lula capaz de transferir muitos votos e eleger até postes, visto entre 2008 e 2012, não existe mais. As eleições possuem dinâmicas locais próprias, mas é cinismo ignorar a correlação com a conjuntura nacional ao mesmo tempo em que se justifica o fracasso de 2016 em São Paulo com o argumento de que o cenário nacional havia inviabilizado Fernando Haddad.

Será que não deveria ser feito um balanço a respeito destes dois últimos anos? Por que a esquerda não conseguiu utilizar a máquina federal como trampolim político, a fim de reverter o cenário reacionário em voga desde 2015? Isto não tem algo a ver com a prioridade de uma agenda que pouco diz respeito às necessidades urgentes das maiorias populares?

O fato é: a correlação de forças institucional piorou. 2026 será um embate mais difícil a partir dos resultados deste outubro.

2.

O balanço duro não deve jogar Guilherme Boulos aos leões. O problema não foi de candidato – havia nome melhor? – mas de linha política.

Guilherme Boulos repetiu o caminho de Marcelo Freixo: apostou numa diluição ideológica quase liquidacionista (no começo da campanha até escondia sua biografia!), perdendo a autenticidade que originalmente havia lhe rendido popularidade.

a terra é redonda

Trata-se de uma versão ingênuo de “realismo”, um senso comum de políticos quando querem ser espertos e “amadurecer”: basta muito marketing, perda de nitidez política, adaptação ao mais do mesmo enfadonho, com direito a muita fofurice e infantilidade. O resultado é que, em vez de ampliar, perde suas qualidades que lhe diferenciavam da pasmaceira. Como Lacan falava: “os não-tolos erram”.

A verdade é que a campanha começou errada, ao se pautar pelo medo e pela passividade, na busca desesperada por diminuir rejeição, em vez da elevação do moral e mobilização de sua tropa – o único jeito de vencer seria através da criação de uma grande onda de mobilização e esperança. Não teve êxito algum na tarefa e agora Guilherme Boulos ficará com estigma de alguém incapaz de ampliar e vencer para cargos majoritários.

Lembremos que Guilherme Boulos ficou rigorosamente na mesma: aumentou em apenas 200 mil votos, o mesmo número de Ricardo Nunes em relação a Bruno Covas. A diferença é que naquela eleição, Guilherme Boulos era um nome desconhecido e azarão, com uma campanha sem dinheiro, estrutura e alianças, enquanto o prefeito era um nome (ou melhor dizendo, um sobrenome) bem melhor e mais respeitável. Então, mesmo perdendo, obteve uma vitória política – algo como Lula em 1989 em escala bem menor e com menos importância histórica.

Desta vez, o prefeito era um grande medíocre e desconhecido, cheio de esqueletos no armário, e Guilherme Boulos teve uma campanha muito cara (mais de 80 milhões), com apoios de nomes fortes (Lula, Marta Suplicy) desde o primeiro turno. Dez vezes mais dinheiro para obter os mesmos resultados é a definição de fracasso.

Para ser honesto, mesmo a ideia de “ficou na mesma” é enganosa, pois em 2020 Guilherme Boulos havia ganhado em todo o fundão da zona sul, além de duas zonas no extremo leste. Desta vez, perdeu em todo lugar da periferia, com duas exceções: Valo Velho e Piraporinha. O “cinturão vermelho” já era.

Vale ainda sublinhar os níveis europeus de descrença no processo eleitoral: as abstenções ganharam de Guilherme Boulos (2,9 milhões contra 2,3 milhões). Se somarmos com brancos e nulos, temos 42% de pessoas que não optaram por qualquer candidato.

3.

Porto Alegre merecia um bom estudo. Como que o prefeito do desastre vivido pela cidade pode ter ganhado com tanta facilidade? Por que o PT escolheu Maria do Rosário, um nome sabidamente com grande rejeição? A capital gaúcha tinha tudo para ter virado algo análogo à Bolonha dominada pelo PCI, ao nos transportarmos para o final do século passado: sede do Fórum Social Mundial, do orçamento participativo, do “modo petista de governar”... Onde foi parar este legado?

Mesmo em capitais onde a esquerda foi vitoriosa (Fortaleza), o resultado foi apertado e há um bom saldo político para figuras desqualificadas da extrema direita. A real é que a direita radical, pós-bolsonarista, passou por um processo de cissiparidade: há uma ala “pragmática” e outra aloprada e psicodélica. Vimos esta disputa no segundo turno em Goiânia e Curitiba, assim como no fenômeno Pablo Marçal contra Tarcísio e Nunes. Longe de indicar fraqueza, esta divisão é sinal de um movimento forte e consolidado o bastante a ponto de poder se dar ao luxo de suas disputas internas passarem a dominar a paisagem política.

Fora isso, o que há de promissor? O cirismo terminou de se afundar, o PCdoB encolheu ainda mais rumo à insignificância, o PSOL também teve um saldo negativo (de cinco prefeituras para nenhuma, com direito a um grande vexame em Belém) e há um vazio de lideranças novas para o pós-Lula. Os nomes que poderiam ocupar esse papel (Guilherme Boulos, Flávio Dino, Manuela d’Ávila) foram todos tirados de campo, seja por fracasso eleitoral, ida ao STF ou abandono da carreira política. Com exceção do bom desempenho da jovem e combativa Natália Bonavides em Natal, a renovação é muito ruim, se compararmos com a quantidade de jovens nomes da direita alucinada.

A única coisa que parece bem-sucedida no campo da “frente ampla” governista são nomes que não são propriamente de esquerda: Eduardo Paes, João Campos, o desempenho razoável da estreante Tabata Amaral. Mesmo o principal cabo eleitoral do PT nestas eleições (o ministro cearense Camilo Santana) não é alguém exatamente conhecido por posições de esquerda. Ou seja, pode ser que o legado do lulismo, em uma situação pós-Lula, escorra para figuras de um “campo democrático” mais difuso e com menos identidade histórica e ideológica com a esquerda brasileira. Alguns balanços de figurões petistas – como Quaquá – já parecem apontar uma aposta nesta direção.

***Diogo Fagundes** é mestrando em Direito e graduando em Filosofia na USP.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)